



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



BOAS FESTAS

O PIM-PAM-PUM, Ano Novo,
 ás cavalitas no velho,
 cheio de franca alegria,
 —(qual pinto ao sair do ovo,
 ou como a Aurora no espelho,
 no grande espelho do Espaço) —
 aos seus leitores envia,
 principalmente aos petizes,
 uma boa entrada de Ano
 e festas muito felizes!



JOSÉ NINGUEM

Por TAUZINHA

Desenhos de CASTANÉ



MA manhã, mal o sol nasceu, o estridente soar das charamelas advertiu o povo de que alguma coisa grave se passara. O ruído do tambor ouvia-se, enquanto os pregoeiros diziam: — «Sua Majestade a Rainha oferece metade do reino a quem descobrir a cura da doença do Rei».

O povo aglomerava-se, espicaçado pela curiosidade de saber a causa daquele soar das charamelas e, contristado, comentava o estranho mal que minava o bondoso Rei... A



princesinha Pérola não mais deixara o pai, dulcificando os momentos de atroz sofrimento com a sua presença, acarinhando-o, enquanto nos espelhos se reflectiam as duas cabeças, de cabelos prateados roçando cabelos de ouro... duas épocas da vida... outono caminhando para o tempo da neve... sol brilhando na primavera...

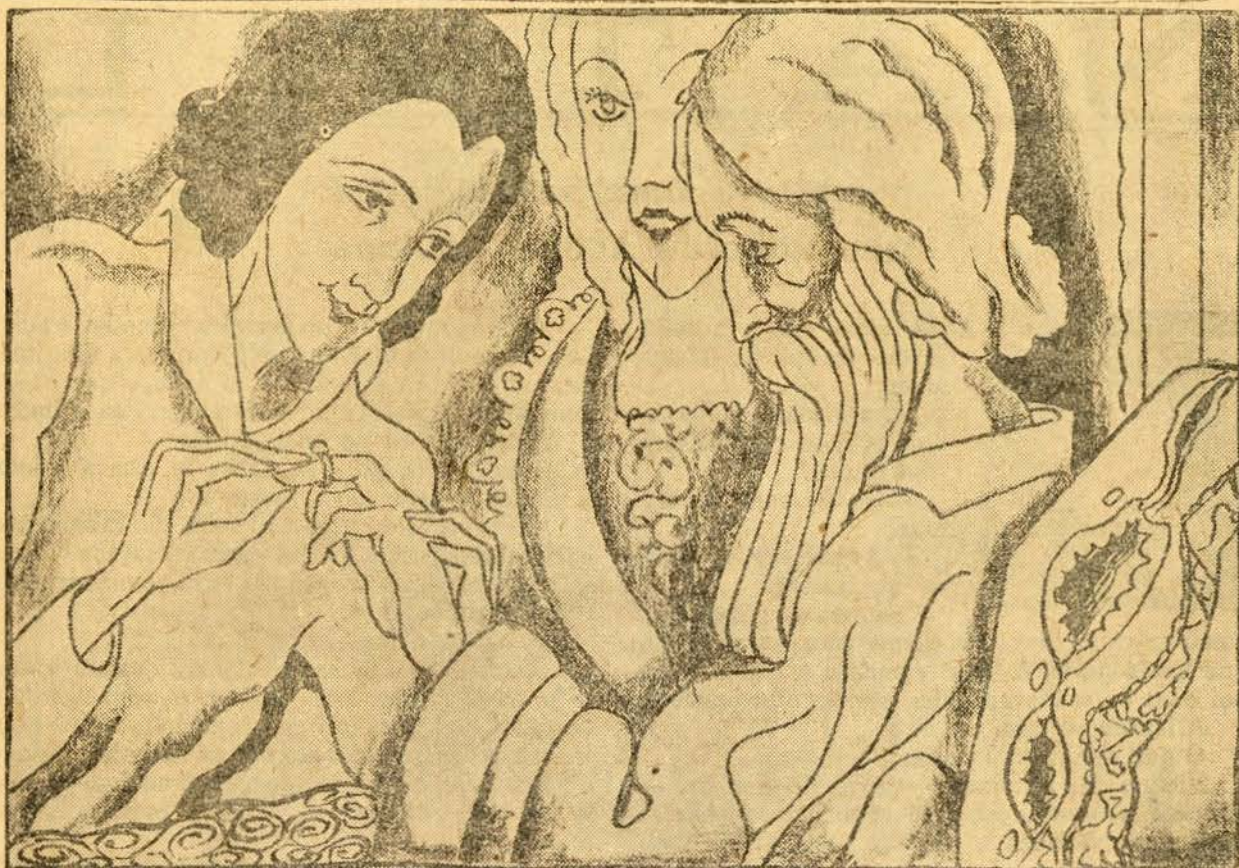


Os soldados, os pregoeiros voltavam ao palácio. A princesa atravessava o parque.

José — simpático moço que lhe tratava os jardins — corria pressuroso ao seu encontro trazendo um cestinho cheio de flores tão lindas que a princesa exclamou: — «Oh! que lindas rosas! Como são belas as rosas que me trazes, José! Como desejaria dar o vigor destas flores, a vida, enfim, a meu pai! Ouviste os pregões, José?» — «Sim, minha princesa (respondeu lacónicamente), também desejaria restituir a saúde ao meu Rei...» e ei-lo já caminhando para as suas ocupações...

José — um rapaz que o Rei havia recolhido por caridade e empregara em trabalhos compatíveis com a sua idade, não sabia donde viera nem quem era; sómente sabia que se chamava José... Tornara-se simpático e todos lhe dirigiam palavras benevolas, mas a alcunha que lhe davam de José-Ninguém, fazia-lhe aflorar aos lábios um sorriso de amarga tristeza.

José crescera; a sua adolescência de resignada melancolia, no desempenho das suas funções de jardineiro da



princesa, tinha apenas a recompensa dos seus sorrisos, o mágico encanto das suas palavras...

A princesa caminhava e, talvez porque a solidão de José a apiedava, sentiu-se também só. A sua vida era um vácuo e na tumultuosa correria dos seus pensamentos, esboçou a ideia do seu casamento. Porém só o faria com alguém que fosse tão generoso que salvasse seu pai, e duas lágrimas teimosas molharam-lhe as faces...

O sol brilhava. O perfume das flores entrava pela janela; o Rei agonizava. A princezinha, sentada ao parapeito, meditava... Pedia a Deus a saúde para o pai.

Tantos fidalgos que se curvavam para o Rei moribundo e ninguém ousara procurar a cura, o meio de lhe dar a vida que dia a dia fugia.

José, na sua modesta cozinha, pedia fervorosamente o bem estar do seu Rei, ambicionando dar-lhe a cura...

Anoitecia... Ouviu uns passos leves, virou-se e viu uma mulher linda que lhe falou assim:

— «Tens sido um homem digno, bom, leal e desinteressadamente desejavas a saúde do Rei. És digno da saberes o meio de a obteres; és valente... Mata o anão que vive na floresta e que não passa dum terrível feiticeiro. Tira-lhe um anel que tem na mão direita, único remédio para a doença do Rei. E' tarde, adens!»

Os dias passaram...

O estado do Rei tornava-se melindroso; curandeiros, médicos, tudo ocorria sem poderem saber que estranho mal o minava. Tudo era silêncio! A princesa olhava os jardins, procurando, talvez, o seu jardineiro dilecto. Teria José partido? Havia dias que o não via. Acaso, procuraria o remédio para salvar o Rei?!

Repentinamente, escapou-se-lhe um grito.

José, em correria louca, entrou na câmara... e, ante o espanto de todos, o Rei recuperava a saúde. O anel operara o milagre.

O Rei abraçava-o, agradecendo-lhe e cumprindo a promessa que a Rainha havia feito, mas José, manifestando o seu reconhecimento, respondeu:

— «Fiz o meu dever! Salvei o meu Rei, que me protegeu, que me deu o abrigo dum tecto. Para que queria metade dum reino... eu... um José Ninguém? Nunca senti carinhos, nunca os meus lábios souberam pronunciar o doce nome de mãe... Invejava os outros que tinham família... Conheci o meu Rei que me protegeu e amei-o! Seria um ingrato se o esquecesse... Salvei-lhe a vida, eis a recompensa que lhe devia...» — Nada mais pôde dizer.

O Rei, às últimas palavras interrompeu-o, estendendo-lhe as mãos: — «Deste-me a vida; procedeste desinteressadamente, como um homem de bem. Que Deus te abençoe! Eu, recompensando-te, far-te-hei feliz!

Dois anos mais tarde, por uma radiosa manhã de primavera, os sinos repicavam festivamente...

José, alto, esbelto, no seu uniforme de oficial, casava-se com a linda princesa Pérola.

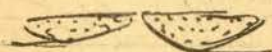
O Rei, instruindo-o, dera-lhe a maior recompensa que ele ambicionara; dera-lhe a filha, consentindo na união de dois corações que se amavam...

E nunca mais ousou pessoa alguma chamar-lhe José Ninguém.

F I M

Q & mu M

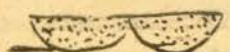
uco A



ENIG
MAS
PITO
RES
COS

H-eir 1 ca B D

A-do D



BRUNTA
BARBINA
Loulé

N A T A L

por Maria Amelia Rodrigues

Desenhos de Adolfo Castané



AZIA muito frio e a noite estava escura de meter medo.

Devagarinho, a custo, duas pessoas caminhavam pela estrada.

— Onde iremos dormir José?

— A qualquer lugar onde haja sossego...

Continuaram; depois, como estavam cansados, foram para um estábulo que havia perto. A noite começou a clarear. Um boi e um burro fitavam neles grandes olhos mansos.

A luz aumentava.

O que seria? As estrelas?

Vieram até à porta e — graça do Senhor! — também não era a lua. Um astro côr de violetas iluminando apenas a cabana, estava suspenso no ar.

— E' Deus! — murmurou José curvando a cabeça.

— E' o Anjo da Anunciação! — disse Maria.

José era um velho de maneiras brandas e olhos doces como um favo de mel; Maria era uma mulher muito nova e linda como tudo o que há de mais lindo. E Maria era boa também. Boa e linda!

Recolheram-se de mãos postas.

O boi mugia baixinho. O burro estava quieto. A claridade aumentava, aumentava...

¿E agora este canto? A' volta da cabana não havia gente, porém muitas vozes entoavam «Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!»

— São os anjos!...

Quando a luz foi mais intensa, quando o canto se ouvia já por êsses montes e vales acordando todos, um menino lindo como nunca houve outro, apareceu no estábulo. Ao vê-lo assim núzinho e pobre o boi e o burro aqueceram-no com os seus bafos e o astro côr de violetas baixou, baixou mais:

A noite agora estava branca de leite e quente como um ninho.

Estremunhados saíam os pastores dos seus casabres para beijarem os pés do menino e ofere-





cer-lhe o leite das suas vacas, a lã das suas ovelhas, as ervas perfumadas das suas leiras.

O mecino sorria.

Apareceram três homens ricamente vestidos e montados em camelos trazendo ouro, incenso e mirra.

José admirado perguntou quem eram.

— Sômos os reis da Persia. Vimos adorar o nosso Rei.

«Glória a Deus nas alturas e paz aos homens na terra e nos céus...»

Ouviram todos maravilhados e cantaram todos também...

Voc's sabem quem são estes pobres, O Menino, e Maria e o José?



Os Reis Magos

— Construção para armar —

: : : Indicações : : :



Colar estes desenhos numa folha de cartolina, deixando na parte inferior dos desenhos uma tira para dobrar. Depois de recortados, colá-los sobre outra folha de cartolina, pintada de verde, que servirá de base segundo a ordem indicada ou seja no fundo o N.º 1, em terceiro plano o N.º 2, no 2.º o N.º 3 e no 1.º o N.º 4.

PALAVRAS
CRUZADAS

1	2	3				4	5	6	7
8							9	10	
11			12	13	14		15		
		16	17				18		
		19				20			
		21							
24	22		23					27	
28	29		25					30	
31	32						33		
34							35		

HORIZONTAIS: 1, Móvel. 4, Animais de lavoura. 8, F. de verbo. 9, Pronome francês. 11, F. de verbo. 12, Rocha dos mts. 15, Consoante. 16, Aposento. 19, Palavra inglesa. 20, Idem. 22, Aracnídeo. 25, Cofre. 28, Interjeição. 30, Aparência. 31, Ninho. 35, Advérbio. 34, Uma das cinco partes do mundo. 35, Tribunal. VERTICAIS: 1, F. de verbo. 2, Idem. 3, Advérbio. 6, Mágua. 7, Advérbio. 12, F. de verbo. 19, Palavra francesa. 13, Carta de jogar. 14, Soberano dum reino. 16, Substantivo. 18, Mamífero. 23, Atmosfera. 26, F. de verbo. 27, Descampado. 29, F. de verbo. 30, «Aria» em francês. 32, F. de verbo. 33, Não-acompanhado.

O PRESENTE DE NATAL

Por Maria da Graça

Desenhos de Castañé



AMOS! Minezinha, avie-se! Diga o brinquedo que quer, para eu o pagar! Não vê que a mãezinha deve estar muito inquieta? Hoje é a véspera de Natal! A menina tem lá as priminhas a passar a tarde! Já não quer ir brincar com elas?

Isto era dito por uma mulher de meia idade, que devia ser a criada de Minezinha ou Maria Inês, uma pequenita de cinco ou seis anos, que estava numa loja a escolher um brinquedo prometido desde há muito, pela sua boa conduta durante uma tarde chuvosa em que não pudera ir

Todavia a resposta foi cruel: — «Tenha paciência! Vá-se daqui».

Minês apalpou os bolsinhos do casaco de



peles, mas não achou nem meio tostão! Então, resoluta, dirigiu-se à criada e disse:

— «Ana! Dá-me o dinheiro que tens para os bonitos! A mamãzinha de-certo que não ralha se eu desistir dum brinquedo, para dar o seu valor a uma pobre mulher.»

A criada pegou no dinheiro que entregou á pequenina Maria Inês, que logo o foi dar à velhota doente, a qual, radiante de felicidade, lhe beijou as mãozinhas mimosas e papudinhas.



brincar para a quinta. Porém Maria Inês demorava-se. Não havia meio de decidir se havia de pegar no urso felpudo de camurça, se no cãozinho de feltro com olhos de vidro, muito meigos e gentis.

De repente, da porta do bazar, uma voz tremula de velhinha, fez-se ouvir: — «Senhores! Tende compaixão da pobre velha, que não pode ganhar a vida! Uma esmolinha, por Deus!»

O que eu sei dizer é que, no dia seguinte, quando a pequerrucha Minesinha foi à chaminé buscar os presentes do Menino Jesus, achou na pantufa o ursozito e o cãozinho dos olhos de vidro.

HORA DE A DIVINHA

RECREIO

CHARADAS DUPLAS
Por MORENITA

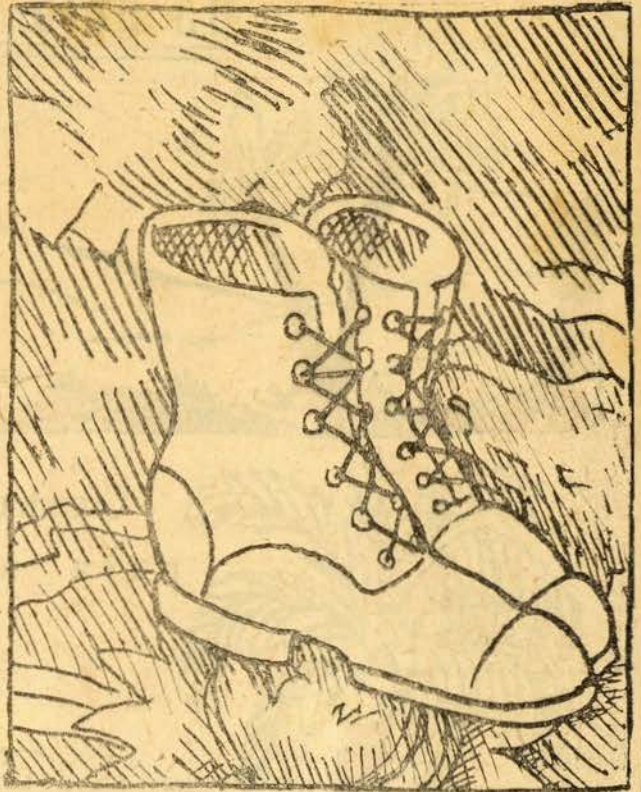
— • —
Esta árvore dá fruto para o homem-3

— • —
O homem fez óleo do fruto desta árvore-3

— • —
O homem foi a esta terra-3

— • —
Esta árvore dá óleo para o homem-4

— • —
A mulher é uma flor-2

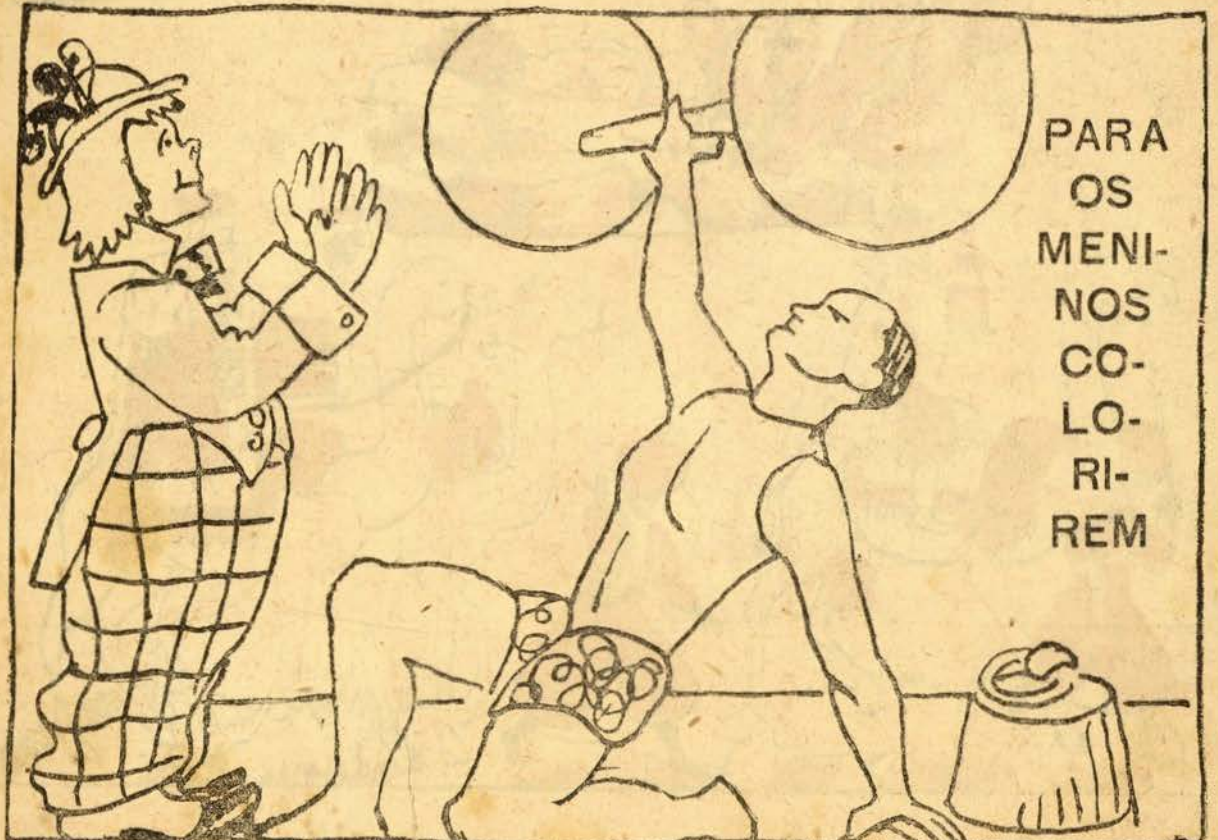


SOLUÇÃO DAS ANTERIORES

1-Aspero, 2-Assado, 3-Assalto, 4-Asma,
5 Fel, 6-Moêla.

Meus meninos:

Estas botas parece que estão vazias, mas, se procura-rem bem, encontrarão um palhaço, um cavalo e uma bo-neca.



PARA
OS
MENI-
NOS
CO-
LO-
RI-
REM

OS REIS MAGOS



Construção para armar



VIDE INDICAÇÕES NA PAGINA 5